

A PRESENTAÇÃO

Algumas reflexões introdutórias sobre exílio e literatura (À guisa de apresentação)

Exílio – pequena palavra em que cabe uma numerosa diversidade de ocorrências, situações, realidades concretas. Quantas vivências, representações e imagens nela ressoam? Quantas impressões, evocações e associações ela contém? Quantas emoções, sentimentos e ressentimentos ela condensa? Quantas alegrias e felicidades, quantos abalos, feridas, traumas, destruições? Uma infinidade!

Porém, se nos circunscrevermos à caracterização do fenômeno e à definição lexical do termo, constata-se que a polissemia do vocábulo costuma remeter a três tipos de situação, causa ou motivação do exílio.

A) Por um lado, o desterro forçado, seja por imposição de um poder, seja para tomar distância e fugir de ameaças, perseguições, perigos, repressões.

B) Por outro lado, a expatriação voluntária como fruto de uma livre escolha, seja para sair em busca do novo, ir atrás de uma vida melhor ou valer-se de uma oportunidade, seja para contornar limitações, dificuldades, obstáculos, proibições, etc., seja para responder a um apelo (íntimo ou não) que é atendido em consideração a aspirações, ideais e valores pessoais ou culturais de ordem artística, humanística, política, profissional, religiosa ou outras.

C) Outrossim, por extensão e no sentido figurado, a palavra refere às diversas formas de afastamento ou distanciamento do convívio social, de refúgio ou retiro em um local ermo para dedicar-se a uma obra, atividade ou exercício artístico-literário, ecológico, intelectual, mental, ético, espiritual, religioso, místico ou outro.

Como esboço de uma primeira síntese, assinala-se que “exilar-se em” é a contrapartida de “exilar-se de” ou “estar exilado de”, o que geralmente implica alguma(s) perda(s), maior(es) ou menor(es). Acrescenta-se que os três modos de exílio possuem um extenso passado, pois existem registros de sua ocorrência desde, pelo menos, os primeiros tempos da Antiguidade e, como sabido, continuaram existindo e se multiplicando até hoje, tendo marcado, através dos séculos e no mundo inteiro, as vidas, vivências, memórias e obras de diversas gerações.

Relativamente ao banimento (sentido da etimologia latina *ex(s)ilium*) e à expatriação autoimposta por motivos políticos, éticos, religiosos, para fugir de guerras, perseguições étnicas, raciais ou outras, convém observar que a Europa e as Américas constituíram-se e continuam constituindo-se em dois importantes (mas não únicos) continentes tanto de abrigo como de expulsão, havendo, segundo o momento histórico, alternância entre um e outro continente, entre o refúgio e a deportação.

Mas o esforço para apreender a problemática do exílio não pode se limitar ao inventário dos tipos de ocorrências, situações, realidades concretas abarcados pela semântica da palavra. Deve-se, mesmo que breve e parcialmente, atentar para os modos subjetivos

de reagir ao exílio, de nele viver, de sentir e vivenciá-lo: de forma gratificante ou com agruras, dando relevo às alegrias ou aos dissabores, aos bons ventos ou às dificuldades e padecimentos?

Edward Said: sobre o exílio

Concernentemente tanto à realidade histórico-social do exílio como à sua dimensão existencial, de como ele é vivido, o nome de Edward Said (1935-2003) impõe-se, de entrada, como a referência obrigatória. Merecidamente, pois seu “*Reflexões sobre o exílio*”¹ possui força, suscita emoção e, ao mesmo tempo, suas finas análises e sínteses são instigantes, esclarecedoras. Como Said enxerga o desterro? Criado pela imposição da “separação” e “expropriação”, o exílio gera uma “condição” caracterizada pela “perda” (palavra que Said retoma, repete e martela ao longo do ensaio). Perda “de algo deixado para trás para sempre”, perda “desorientadora” e “terminal”, “terrível de experimentar”, que acarreta “orfandade”, “estrágos” marcados por uma “dor mutiladora”, uma “fratura incurável”, uma “alienação” (SAID, 2003, p. 46, 49, 51, 54-5, 58).

O exílio é um fato de todos os tempos, sua recorrência na história é contínua. No entanto, Said desnuda uma diferença qualitativa, “de escala”, entre os exilados de outrora e os de nosso tempo: “nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (SAID, op. cit., p. 47). E, para que não fique apenas no terreno dos conceitos, Said traduz, detalha, esmiúça, dando concretude ao que as palavras “era” da “imigração em massa” realmente significam:

[...] para tratar o exílio como uma punição política contemporânea é preciso [...] pensar nas incontáveis massas para as quais foram criadas as agências da ONU. É preciso pensar nos camponeses refugiados sem perspectiva de voltar algum dia para casa, armados somente com um cartão de suprimentos e um número da agência. Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos. É preciso pensar também em Cairo, Beirute, Madagascar, Bangkok, Cidade do México. À medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas ‘sem documentos’ subitamente perdidas, sem uma história para contar. Para refletir sobre muçulmanos exilados da Índia, haitianos nos Estados Unidos, habitantes de Bikini na Oceania, ou palestinos em todo o mundo árabe, é preciso deixar o modesto refúgio proporcionado pela subjetividade e apelar para a abstração da política de massas. Negociações, guerras de libertação nacional, gente arrancada de suas casas e levada às cutucadas, de ônibus ou a pé, para enclaves em outras regiões: o que essas experiências significam? Não são elas, quase que por essência, irre recuperáveis? (SAID, op. cit., p. 48-49)

Essas linhas foram publicadas em livro, em inglês, em 2000, vinte anos atrás. Cabe atualizar um pouco para os dias de hoje: multiplicam-se sobremaneira os campos de re-

1 Todas as citações que antecedem são extraídas de SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Traduzido por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

fugiados, e igualmente os bloqueios, os arames farpados, os muros, para represar o fluxo de migrantes e/ou refugiados, impedi-los de adentrar na Europa Ocidental ou nos EUA. E neste momento de pandemia do Covid-19, as fronteiras estão fechadas, o governo estadunidense corta os vistos, os campos de refúgio são ambientes de alto risco para a proliferação do vírus... Retomando palavras de Said: “Mutilações”, “ruínas”, “vidas rompidas” (SAID, op. cit., p. 47-9)! É preciso acrescentar algo?

Significa então que a palavra “exílio” é necessariamente incompatível com as palavras “alegria” e “felicidade”?

Roberto Bolaño e as três lições de Nicanor Parra

Em uma conferência proferida em Viena no ano 2000, o escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003) lembrou que há quem não acredita em exílios, nem em países, e que existem aqueles para quem as únicas fronteiras a serem respeitadas são “as fronteiras dos sonhos, as fronteiras trêmulas do amor e do desamor, as fronteiras da coragem e do medo, as fronteiras douradas da ética” (BOLAÑO, s.d., p. 3). E trouxe ao público vienense a discussão, “eminentemente chilena” de estabelecer quais foram os quatro poetas chilenos mais importantes: Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Vicente Huidobro e Pablo de Rokha, ou Pablo Neruda, Nicanor Parra, Vicente Huidobro e Gabriela Mistral? Quatro ou cinco? Discussão bizantina (e “entediante”, diz Bolaño, op. cit., p. 4) que o palestrante resolve citando o poeta chileno Nicanor Parra (1914-2018), que arrematou com estes versos ao estilo de Vicente Huidobro:

“Os quatro grandes poetas do Chile
São três
Alonso de Ercilla e Rubén Darío”

Ercilla (1533-1594) foi um soldado espanhol e escreveu *A Araucana*, a obra mais importante do Chile e nada menos que seu livro fundador: um poema épico, publicado em três partes em Madrid (1569, 1578, 1589), que relata a Guerra de Arauco entre espanhóis e mapuches. Já Rubén Darío (1867-1916) nasceu e faleceu na Nicarágua, tornando-se o maior poeta de língua espanhola de sua geração; viveu em vários países (El Salvador, Guatemala, Espanha, França) e também no Chile (1886-1889); escreveu no Chile e sobre o Chile, país que teve nele uma grande influência.

Bolaño argumenta que dois viajantes sem intenção de ficar no Chile se converteram em referências: os dois melhores poetas do Chile foram um espanhol e um nicaraguense, um soldado e um imigrante sem dinheiro, e que nem ficaram no país. E assim, Nicanor Parra deixaria três lições: quais são verdadeiramente os melhores poetas chilenos, nem Darío nem Ercilla pertencem ao Chile, e o nefasto nacionalismo não se sustenta na “quarta dimensão” de um poema ao estilo de Vicente Huidobro.²

2 Todas as citações que antecedem são extraídas de BOLAÑO, Roberto. “El exilio y la literatura”, publicado na Venezuela na *Revista Ateneo*, nº 15, p. 43-4, disponível no sítio da Biblioteca Nacional de Chile, em <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-73198.html> A tradução brasileira usada nas citações é de autoria de Guilherme Freitas, publicada no *Caderno de leituras*, nº 22 Edições Chão da Feira, s.d., p. 1-5, disponível em <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad22.pdf>.

Bolaño e Said (1)

Parece haver antinomia absoluta entre as óticas de Said e Bolaño, um texto sendo, à primeira vista, a rematada contraposição do outro. Percepção entretanto equivocada porque são nitidamente distintos o ponto de partida, fulcro, temas, enfoque, método e finalidades de cada um. E aqui convém explicitar que diferente não significa contraditório e antagônico, mas simplesmente que não são iguais, não são os mesmos, não falam da mesma coisa. Vejamos.

O ensaio de Edward Said busca demarcar e caracterizar o fenômeno histórico-social do exílio (no sentido “A”, de banimento), sua(s) realidade(s) e lembrar (ou desvelar) o cortejo de dificuldades, angústias e sofrimentos que costumam acompanhá-lo. Em momentos, lança mão do depoimento e das lembranças pessoais, mas a tônica de sua reflexão reside na investigação e análise rigorosas.

O lugar de fala, propósitos e parâmetros de Roberto Bolaño são bem outros. As primeiras linhas de sua palestra são tecladas em registro desprezioso (e até anti pretensioso), em tonalidade bem humorada, jocosa, irônica; vários outros trechos seguem o mesmo rumo, sendo inclusive pouco respeitosos (ou algo desrespeitosos) com a instituição *palestra* e seus ritos (“sempre acreditei que os melhores discursos são os discursos breves”, BOLAÑO, op. cit., p. 3) como que rumando para uma anti palestra e como que sinalizando: não vim ministrar uma conferência acadêmica, não esperem de mim revelações nem análises conceituais, antropológicas, históricas, políticas ou sociológicas sobre o exílio.

Sobretudo, o assunto de sua intervenção não é o exílio, e mais: o sentido que ele dá à palavra “exílio” não é o mesmo que Said lhe dá e que lhe é costumeiramente dado. Vejamos.

Bolaño e Kafka

Qual é o tema de sua fala? “Literatura e exílio”, a pedido dos organizadores do evento. Ora, Bolaño faz questão de provocativamente alertar: “não acredito no exílio”, com a seguinte precisão: “não acredito no exílio *sobretudo* [grifo nosso] quando essa palavra está ao lado da palavra literatura” (BOLAÑO, op. cit., p. 1). Depois, sugere que falar de literatura é falar de escritores, e arremata: “Mas eu falava de escritores, ou seja, falava de mim”, situando sua palestra no terreno do testemunho pessoal, subjetivo, individual (“falava de mim, e *ai sim posso dizer* [grifo nosso] que minha pátria é meu filho e minha biblioteca”, BOLAÑO, op. cit., p. 3).

Quanto ao vocábulo “exílio”, Bolaño informa que, “às vezes” [grifo nosso], o entende “como vida ou atitude perante a vida”. Amplia assim a polissemia do termo com um novo e quarto sentido. Dois parágrafos adiante, ele explica o que quer dizer:

Literatura e exílio são, creio, duas faces da mesma moeda, nosso destino posto nas mãos do acaso. ‘Sem sair de minha casa, conheço o mundo’, diz o Tao Te King e, da mesma forma, ainda que não se saia da própria casa, o exílio e o desterro se fazem presentes desde o primeiro momento.

E dispara explanando, como que num arremate:

A literatura de Kafka, a mais esclarecedora e terrível (e também a mais humilde) do século 20, demonstra isso plenamente. (BOLAÑO, op. cit., p. 3)

O que deveria dirimir toda e qualquer dúvida.

Bolaño e Said (2)

Poderá talvez, mesmo assim, haver quem acha que Bolaño era um “alienação”, um inquilino da torre de marfim da pretensa literatura pura. Ledo engano. Bolaño não era nenhum *analfabeto político*: o banho de sangue promovido pelo golpe de Pinochet obrigou-o a fugir do Chile, exilar-se, viver e conhecer o exílio. Comentou que o exílio gera “solidão” e sabia bem disso.

Mas na palestra vienense, o método dele é de cercar a problemática por meio de movimentações indiretas, infiltrações insinuantes, aproximações oblíquas e sutis associações, tudo com leveza e despretensiosamente, com espírito, humor e ironia, sem perder de vista o que julga essencial. Por exemplo, através daquilo que parece ser uma longa digressão (mas não é) sobre o percurso de vida de seu amigo Mario Santiago, poeta mexicano: ao relatar (na verdade, denunciar) que, em 1978 ou 1979, este foi expulso da Áustria com proibição de voltar àquele país até 1984 (ano em que Orwell tornou-se “símbolo da ignomínia e das trevas e da derrota moral do ser humano”, BOLAÑO, op. cit., p. 1), Bolaño aproveita para se solidarizar com os jovens austríacos que “saem às ruas” para manifestar contra Jörg Haider, homem político de extrema-direita, xenófobo e com declarada simpatia por algumas políticas do Terceiro Reich. Outro exemplo é quando, de passagem, solta que, no Chile, Rubén Darío “teve bons amigos e melhores leituras, mas lá também foi tratado como um índio ou como um negro por uma classe dirigente chilena que sempre se vangloriou de pertencer 100% à raça branca” (BOLAÑO, op. cit., p. 4).

Ou seja, os textos de Edward Said e Roberto Bolaño se tangenciam em alguma medida, têm aproximações, diálogos. Por exemplo, quando Said constata que os “poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade das pessoas” e, portanto, “para tratar o exílio como uma punição política contemporânea”, é preciso deixar a “literatura do exílio” e dos exilados, ir “para além” dela: “deve-se deixar Joyce e Nabokov e pensar nas incontáveis massas para as quais foram criadas as agências da ONU” (SAID, op.cit., p. 48-49). Parece se estar ouvindo Bolaño! Realmente: Said e Bolaño não se contrapõem, pelo contrário, se complementam de alguma maneira, embora muito parcialmente, pois, como foi dito, são escritos de natureza diversa, falam a partir de lugares diferentes sobre objetos distintos.

O presente número 23 da Revista

Intitulado “Autores no exílio; exílio nas obras literárias: banimento, refúgio ou retiro”, o presente número 23 da Revista *Conexão Letras* é fruto das respostas à chamada pública que convidava a estudar o exílio como realidade vivenciada por escritores, artistas e intelectuais e/ou como tema de obras e projetos artístico-literários. A breve reflexão desenvolvida nos parágrafos anteriores sobre os sentidos e usos da palavra *exílio* visa a

ajudar a situar os trabalhos recebidos e a localizá-los no leque de possibilidades de indagações, enfoques e linhas de aproximação ao tema pautado.

Afora três resenhas e uma entrevista, são nove artigos. Cinco deles dizem respeito ao tipo “A”, o exílio em decorrência de um banimento ou desterro forçado. Três textos tratam do tipo “B”, a expatriação voluntária. Um único artigo sonda o tipo “C”, o retiro em um local isolado para dedicar-se a uma obra ou exercício.

Não deve surpreender que a maioria dos trabalhos recebidos versam sobre o muito duradouro (tristemente longo) fenômeno político-social referido pelo sentido primeiro e original da palavra que sintomaticamente tem, nos mitos e na literatura, símbolos fundacionais como Adão e Eva (expulsos do paradisíaco jardim do Éden – *Bíblia*, “Gênesis”, 3, 23-4) e Ulisses (retido na ilha de Calipso e, depois, constantemente desviado, desencaminhado, retardado pelas repetidas interferências de Poseidon e Circe, deuses que dificultam, obstaculizam seu regresso ao lar em Ítaca – *Odisseia, passim*). Possui também figuras representativas exponenciais como Dante (faleceu no exílio após um desterro de 21 anos), Walter Benjamin e Sigmund Freud (fugiram da peste nazista), sem falar no longo rol de todos que se viram compelidos a escapar das numerosas ditaduras civil-militares na América Latina, no século 20.

A seção temática

Voltando aos cinco artigos anunciados acima: em que ordem estão relacionados nesta revista? Pela ordem cronológica das épocas que são a matéria e assunto das obras ou figuras representadas ou estudadas. Este número abre, portanto, com um importante protagonista dos romances de Mia Couto (1955): o sargento português Germano de Melo, deportado para Moçambique em punição pelo seu envolvimento em uma sublevação, no último decênio do século 19. Intitulado “Mia Couto – *As areias do Imperador*: escrever Portugal, a partir do degredo...”, o artigo de José Paulo Pereira (Universidade do Algarve) centra sua atenção nas cartas do sargento com o fito de entender Portugal e a construção da nação moderna, sob a luz dos estudos de Homi Bhabha (1994 e 2007), ressaltando não apenas a ambivalência da representação narrativa da nação como também o discurso performativo.

Em “Stefan Zweig e o exílio do mundo”, Cláudia Carneiro Peixoto (FURG) e Antônio Carlos Mousquer (FURG) repensam a distinção entre “ser no mundo” e “ser do mundo” nos rastros auto biográficos e ficcionais de Stefan Zweig (1881-1942), que viveu os dois últimos anos de sua vida no Brasil. Os autores comentam a relação (com “dimensões fabulosas”) de Zweig com o Brasil. E, a partir dos comentários críticos de Hannah Arendt (1906-1975) sobre os escritos, posicionamentos e valores de Zweig, estabelecem um diálogo entre ambos pensadores, que compartilharam não apenas as lembranças e reflexões sobre as perseguições pelo nazismo, mas também a condição de serem judeus e apátridas bem como de viverem no exílio.

“‘El exilio español no es una abstracción’. Eugenio Granell – un surrealista transferido”, artigo de Ruben Daniel Méndez Castiglioni (UFRGS), apresenta a vida e obra do surrealista espanhol Eugenio Fernández Granell (1912-2001), que foi professor, músico, pintor talentoso (internacionalmente reconhecido) e, ainda, autor de *La novela del indio Tupinamba*, obra que retrata o exílio e os exilados. O texto traz elementos autobiográficos

de Granell, que publicou seus primeiros textos nas revistas *Nueva España* e *PAN*. Suas atividades políticas obrigaram-no, em 1939, quando da vitória das tropas de Franco, a exilar-se na França e, depois, em diversos países das Américas – um périplo que durou mais de quarenta anos, pois foi apenas em 1985 que regressou definitivamente à Espanha.

“Ecos” é o título de uma curtíssima narrativa que entra na construção de *Bocas del tiempo*, obra publicada em 2004, em que Eduardo Galeano (1940-2015) apresenta a história de Frei Tito de Alencar Lima (1945-1974), frade brasileiro que foi alvo da ditadura civil-militar. Heloísa Miranda (IF/RO) e Célia Reis (UFMT) colocam esse fragmento no centro de seu artigo, “Banimento e reconstrução de si na *escritura* de Eduardo Galeano”, para analisar a trajetória do Frei e seu sofrimento. A partir de perguntas sobre como os espaços geográficos podem ajudar na reconstrução de si mesmo e de como uma experiência de banimento pode contribuir para o agravamento de uma experiência traumática, as autoras retomam a questão do trauma como uma forma de persistência dos rastros da memória ditatorial.

O artigo “Exílio e nostalgia em *A noite da espera*, de Milton Hatoum”, de Tânia Sarmiento-Pantoja (UFPA) e Carlos Augusto Carneiro Costa (UNIFESSPA), analisa a obra hatoumiana, colocando o foco em *A noite da espera*, primeiro romance da trilogia intitulada “O lugar mais sombrio”. Os pesquisadores buscam mostrar como o exílio se torna um elemento estruturante da narrativa, notadamente a partir da constituição do narrador-personagem e de sua experiência do exílio. Ao longo da construção de sua argumentação perspicaz e generosa em exemplos, os autores percorrem temas como a constituição do narrador, o luto, a melancolia e a nostalgia, e os conflitos sociais brasileiros da década de 70, particularmente no que se refere à ditadura militar e ao exílio.

O segundo bloco da seção temática do número 23 recebe três trabalhos que se debruçam sobre exílios auto impostos, decorrentes de expatriações parcial ou totalmente voluntárias. Começa com um texto que aborda a experiência de auto exílio em terras brasileiras, nos anos 1914-1918, da escritora norte-americana Evelyn Scott e de seu marido, o médico e pesquisador estadunidense Cyril Kay-Scott. O artigo, intitulado “Gender and emotion in exile: Evelyn Scott and Cyril Kay-Scott’s experience in Brazil”, se baseia essencialmente no exame das respectivas autobiografias de cada membro do casal: *Escape*, de Evelyn Scott, e *Life is too short*, de Cyril Kay-Scott. A atenta leitura de Maria das Graças Salgado (UFRRJ) pontua de que forma o gênero e a emoção podem tornar as vivências distintas e distantes, bem como revelar diferenças de perspectiva de mundo.

O escritor cubano Alejo Carpentier (1904-1980) foi um grande viajante. Algumas de suas permanências fora da ilha se deveram à necessidade de desterro, outras foram apenas auto expatriações. Daí o título “Das viagens e exílios de Alejo Carpentier”, artigo em que Amanda Brandão Araújo Moreno (UFRPE) se debruça sobre os deslocamentos que ritmaram sua vida e sua obra. Ela observa que, às vezes, os escritos de Carpentier sobre essas vivências no exterior denotam uma mutilação identitária, mas nem sempre. Aponta então que, para ele, o exílio foi menos uma fonte de saudades e sofrimentos do que uma fonte de experiências que foram fundamentais para alcançar o estado de consciência que impulsionou a construção de seu projeto literário e de sua concepção de identidade cubana e latino-americana.

O romancista mexicano Sergio Pitol (1933-2018) foi outro grande viajante, cuja vida foi recortada por sucessivos e obrigados trechos de expatriação por causa da profissão que exercia: diplomata. Situação profissional que refletiu diretamente em parte de sua obra

ficcional. Tentando ir além de considerar o deslocamento físico como uma condição que gera nostalgia e melancolia, Víctor Lemus (UFRJ), em “El fuego robado. Literatura y exílio en Sergio Pitól”, busca refletir sobre a opinião do autor mexicano de que o contato com outras línguas, culturas e literaturas influenciou nos temas e nas formas praticadas pelos escritores – atitude que permite que eles enriqueçam a tradição literária a que pertencem.

Chegamos à terceira e última etapa da seção temática: o exílio como retiro do convívio social para dedicar-se a uma obra ou exercício. O tema é examinado no trabalho em que Rodrigo de Oliveira Lemos (UFCSPA) estuda algumas representações do espaço do retiro e da figura do solitário ou anacoreta que nele se retira. Tomando como ponto de partida e referência o vulto de Santo Antônio (eremita da Antiguidade Tardia que se isolou na Tebaida, no Egito), ele transita por *A tentação de Santo Antônio*, tela de Bruegel, o Jovem (1564-1638), passa pela *Legenda Áurea*, de Jacopo de Verrazze (1228-1298), na Idade Média, e salta para a segunda metade do século 19, com *La Tentation de Saint Antoine* (1874), narrativa de Gustave Flaubert, e *À rebours* (1884), romance de Joris-Karl Huysmans. Analisa “a Tebaida como refúgio espiritual e estético” (é o título do artigo), como espaço que evoca uma visão moderna do eremitismo em que o isolamento, ainda que pendente do imaginário religioso, assume também a dimensão de experiência estética.

A seção de resenhas e de entrevista

Na seção de resenhas, Anselmo Peres Alós, Juliana Prestes de Oliveira e Amanda Laís Jacobsen de Oliveira (UFSM) apresentam *A literatura em perigo*, livro de Tzvetan Todorov, publicado em 2009. Os autores fazem um recorrido dos sete capítulos para dar conta da reflexão sobre como a literatura é trabalhada nas salas de aula. Rafael do Amaral Prudencio (UFRGS) escreve sobre a nova edição de *Viagem Sentimental*, de Viktor Chklóvski, publicada no Brasil em 2018. O livro, em seu formato híbrido – já que se vale ao longo de sua estrutura do romance, conto, depoimento, relato de viagem, causos, poesia – retrata um período de grandes transformações na Rússia e as memórias de um exilado. Para finalizar, Diego Pereira (UNICAMP) apresenta “Como sobreviver na sociedade líquida”, resenha do livro *Pape Satàn Aleppo: crônicas de uma sociedade líquida* (2017), de Umberto Eco, que reúne narrativas publicadas na coluna que o escritor italiano mantinha desde 1985, na revista *L'Espresso*. Eco, nessa obra, se debruça sobre os mais variados temas relacionados à atualidade e de interesse da sociedade.

Na última seção, em “Conversación con Leonardo Padura a propósito de exilios, refugio, destierro... y viajes”, Ruben Daniel Méndez Castiglioni (UFRGS), José Vicente Ballester (Instituto Cervantes de Porto Alegre) e o jornalista Luiz Gonzaga Lopes (Correio do Povo) dialogam com o escritor cubano Leonardo Padura sobre mudanças, a escrita no exílio e suas dificuldades, entre outros temas.

Na entrevista, realizada em Porto Alegre, parte dela agora publicada em sua versão original em língua espanhola, Padura reflete sobre as viagens e a literatura, e afirma que às vezes é imprescindível se deslocar e encontrar novos espaços para desenvolver a escrita e a criatividade, porque é importante o conhecimento físico do lugar. Porém, entende que não precisou sair de seu país, Cuba, para realizar o que o escritor espanhol Miguel de Unamuno predicava: “encontrar o universal nas entranhas do local, e no circunscrito e limitado, o que é eterno”.

Nesta conversa informal, Padura também fala sobre o exílio voluntário e a necessidade que enfrentaram muitos escritores de mudar de país, não simplesmente para escrever, mas para sobreviver. Para o escritor, existem autores universais que não necessitariam sair de seu lugar de origem para produzir obras magníficas e outros que são apenas turistas em seus países. Um espectro amplo que não dá lugar a generalizações.

Esta singela revisão da problemática do exílio, de suas relações com a literatura e dos treze trabalhos publicados põe em evidência que o conjunto do volume projeta uma variedade de luzes e ensinamentos sobre a questão, a partir do diversificado leque de autores, obras, épocas, geografias e literaturas nacionais estudadas.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos que participaram, de alguma maneira, deste número da Revista: àqueles que enviaram seus artigos, aos colegas que emitiram pareceres, às bolsistas e, especialmente, à professora Ana Zandwais, editora deste periódico, que acolheu nossa proposta. A todos, nosso muito obrigado.

Janaina de Azevedo Baladão
Robert Ponge
Ruben Daniel Méndez Castiglioni
Organizadores